CONFIANTES E DISCIPLINADOS: UMA ETNOGRAFIA NUMA ESCOLINHA DE FUTEBOL¹

Márcio Adriano DE PAULA²

RESUMO

Investiguei a prática do futebol em um bairro na cidade de Marília – SP numa escolinha de futebol, visando desnaturalizar uma percepção arraigada a essa prática reduzindo-a a disputas entre equipes profissionais e meio de ascensão social. Abordo o futebol como uma atividade que, através do domínio de técnicas corporais, permite a construção de subjetividades. Uma hipótese é que o praticante não tem consciência dessas dimensões por estar imerso num significado etnocêntrico. Propôs-se realizar uma etnografia. Conclui-se que na escolinha a disciplina atua como elemento mediador para a construção da uma confiança de si, fundamental para a formação de um jogador de futebol. Ao mesmo tempo em que a escolinha se propõe a formar futuros jogadores profissionais, permite a construção de uma subjetividade, fundamentada no desenvolvimento da confiança e disciplina nos corpos dos aprendizes.

Palavras-chave: Disciplina. Autonomia. Futebol. Aprendizagem. Etnografia.

Introdução

O presente trabalho teve como objetivo inicial circunscrever-se a um dos bairros mais populosos da cidade de Marília situado na Zona Sul da cidade e habitado principalmente por trabalhadores. Visava compreender como os moradores se organizam em torno das atividades de lazer, principalmente o futebol. Primeiramente, tomei contato com um grupo de jogadores de final de semana, onde conheci Ramalho³, treinador de futebol, que, desde as nossas primeiras conversas, sempre tentou me levar a conhecer a *escolinha de futebol*. No decorrer da pesquisa, houve uma dissolução desse grupo principalmente devido à intensificação dos trabalhos na *escolinha* por parte de Ramalho. Assim, a *escolinha de futebol* passou a ocupar papel central nas minhas observações.

¹ Esse texto é oriundo da pesquisa para Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Ciências Sociais – Bacharelado em Antropologia, da Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências –Campus de Marília – SP - 17525-900 sob orientação da Prof^a Dra. Lucia Arrais Morales.

² Graduando do 4º ano de Ciências Sociais – Licenciatura da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – Campus de Marília. map_unesp@yahoo.com.br

³ Atendendo às normas éticas todos os nomes dos participantes da pesquisa são fictícios e o da escolinha de futebol e do bairro pesquisado foi omitido.

Nesse momento, era necessário fazer opções. A pergunta que se impôs foi: Como a pesquisa deveria prosseguir a partir desse fato? O surgimento da *escolinha de futebol* acarretava novos direcionamentos e indicava-me a importância de compreender o fenômeno do futebol numa perspectiva mais ampla, buscando entender quais as motivações que levaram os responsáveis por essa atividade a substituir o futebol enquanto lazer dos finais de semana por uma atividade semanal voltada para crianças e adolescentes. Quais os interesses que comandavam a seleção desse foco?

A partir dessas escolhas iniciais, colocou-se no meu trabalho a possibilidade de estudar o fenômeno das *escolinhas de futebol*, situando-as na estrutura de um capitalismo avançado. No entanto, por questões de tempo e das possibilidades para o desenvolvimento do trabalho, foi necessário fazer uma opção. A pesquisa de campo limitou-se a estudar apenas aquela *escolinha*, mas não deixando de lado a possibilidade de comparação com outras *escolinhas* num projeto futuro.

A lei 9.615/98 (Lei Pelé), o processo de profissionalização e a consolidação do futebol-mercadoria

As *escolinhas de futebol* ocupam um papel importante na estrutura que permite ao Brasil ser o maior exportador de jogadores de futebol no mundo. Para situar nessa estrutura a *escolinha de futebol*, onde realizei minha pesquisa, é necessário analisar o processo de transformação dos clubes de futebol em empresas e o fim da “*lei do passe*”. Esse processo foi regulamentado pela promulgação da Lei 9.615/98 popularizada como a “Lei Pelé”. Pretendo demonstrar como a *escolinha* pesquisada faz parte desse processo e, além disso, o quanto de suas especificidades leva ao encontro da questão central deste trabalho. Isso permite mostrar que, apesar da lei significar uma orientação para o mercado, há outros significados produzidos e deixados de lado. Em certa medida, procuraremos demonstrar a partir dessa etnografia os efeitos não previstos na lei.

No início de 1991, foi encaminhado para o Congresso Nacional um projeto proposto pelo então Secretário Nacional dos Esportes, Artur Antunes Coimbra (o Zico). Baseado no modelo europeu de clubes-empresa, o projeto tinha como propostas centrais regulamentar a atividade comercial das empresas no futebol profissional, extinguir a “*lei do passe*” permitindo o direito ao *passe livre* para o atleta com mais de dez anos vinculado ao mesmo time e idade igual

ou superior a 32 anos. Com isso, esse projeto buscava formas mais transparentes na gestão dos clubes, federações e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Alguns pontos da lei foram considerados muito avançados para o momento que vivia o futebol brasileiro, principalmente a transformação dos clubes em empresas. Alegava-se que com essa medida a maioria dos clubes não se sustentaria e o fim da “*lei do passe*” causaria um grande desemprego entre os jogadores. Isso ocorreria porque seria possível a saída dos jogadores sem nenhum ganho para o clube, resultando daí a falência dos times pequenos e a perda de receita dos clubes grandes, impedidos de realizarem acordos financeiros em transferências internacionais. As forças políticas representantes dos interesses daqueles que lucravam com a manutenção do futebol da forma como se apresentava obstruíram a implantação do projeto na sua completude. Desse modo, para sua aprovação, o projeto passou por modificações como a retirada do fim da “*lei do passe*” e uma “*permissão*”, ao invés de uma obrigação, para os clubes transformarem-se em empresas.

Não ocorreu de fato uma mudança na estrutura de poder e a promulgação da Lei 8.672/93, conhecida como “*Lei Zico*”, representava um projeto de reestruturação do futebol aplicado de forma inconclusa. Porém, não podemos deixar de lado importantes mudanças nas estratégias de mercado dos clubes. O processo de reestruturação do futebol não dependeria somente de mudanças no âmbito legislativo. Em certa medida, os clubes que caminharam para uma profissionalização de sua administração foram os que obtiveram maiores sucessos e consolidaram a maior lucratividade desse modelo. Comparado ao modelo de futebol-empresa dos países europeus, o futebol brasileiro encontrava-se com uma estrutura defasada. Considerando-se que o objetivo era transformá-lo em produto, a sua qualidade ainda era contestável e principalmente seu rendimento estava aquém do esperado.

No início de 1996, o “*caso Bosman*” trouxe à tona a discussão acerca da situação dos jogadores de futebol profissional. Em 1988, Jean Marc Bosman, jogador belga transferiu-se para o RC Liège, time de *segunda divisão* da Bélgica. Após uma redução de seu salário, Bosman tentou transferir-se para um clube da França e foi impedido por sua equipe. Após recorrer à Justiça Comum, o jogador conseguiu parecer favorável da Corte Europeia e pode jogar no clube de sua escolha. Esse caso gerou uma nova jurisprudência modificando as bases do futebol europeu.

Diante desse contexto, no Brasil, a “*lei do passe*” vigorava apesar da tentativa empreendida na Lei Zico. Aproveitando-se da efervescência do “caso Bosman”, o então Ministério Extraordinário dos Esportes, recém criado pelo governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) e comandado por Edson Arantes do Nascimento (Pelé), apresentou um projeto que visava acabar com a “escravidão” no futebol caracterizada no “*passe*”. A medida foi tomada a partir de uma resolução do Instituto de Desenvolvimento do Desporto (Indesp) e concederia o “*atestado liberatório*” a todo o jogador com 26 anos ou mais a partir de 1997; 25 anos em 1998 e 24 anos em 1999. Isso contemplava a perspectiva que sustentava a necessidade de uma compensação para as equipes formadoras de atletas. De modo semelhante à Lei Zico, houve uma reação conservadora a essas medidas. Aliado a isso, os próprios jogadores, levados pelo medo de uma diminuição do mercado de trabalho, pressionaram o ministro a conceder *atestado liberatório* somente aos jogadores a partir dos 30 anos de idade.

Novamente instaurou-se um debate na opinião pública. De um lado, os meios de comunicação tiveram um papel central na campanha para uma reestruturação mais profunda e completa. Por outro lado, os dirigentes que, ao mesmo tempo, concordavam com a necessidade de reestruturação, exigiam não abrir mão dos seus privilégios.

A própria Lei Zico em vigor, deixava enormes brechas e diante desse impasse foi apresentado pelo Ministério Extraordinário dos Esportes em 1997 um novo projeto de lei. A radicalidade do projeto tirava as proteções tanto dos atletas, quanto dos clubes e permitia uma abertura definitiva para as leis do mercado. Ao ser sancionada, em março de 1998, a lei 9.615/98, conhecida como “Lei Pelé”, reformulou a Lei Zico e dois artigos ganharam notoriedade. O primeiro (nº93) estabelecia o fim do *passe* três anos após a lei entrar em vigor. O segundo (nº94) determinava que dentro de dois anos os clubes participantes de competições profissionais deveriam transformar-se em empresas. No debate acerca da lei uma questão fica evidente. A lei determina mudanças estruturais profundas no futebol, mas não regulamenta a forma como vai se dar esse processo. A Lei Pelé estabeleceu uma nova concepção de tratamento acerca do futebol profissional. Ao representar a abertura para as leis do mercado, prioriza o futebol na forma mercadoria.

Para nossa análise, é importante frisar que o fim da “*lei do passe*” abriu espaço para especuladores de “jovens talentos”. Empresários que procuram investir na formação de jogadores de futebol em grande escala através das *escolinhas de futebol*. Por meio delas, são recrutados,

precocemente, crianças e adolescentes seduzidos por propostas ilusórias. A construção de um imaginário de ascensão social não deixa transparecer a forma precária em que vive a maioria dos que investem nessa carreira. São poucos aqueles que atingem os grandes salários divulgados pela mídia. Através de construções ilusórias, muitas crianças e adolescentes são utilizados como instrumento de especulação financeira desses grandes grupos empresariais.

A escolinha de futebol – Estrutura

Na *escolinha* de Ramalho há uma estrutura pequena se compararmos com grandes *escolinhas de futebol*, formadas por ex-jogadores de fama mundial. Desse modo, além de não ter um capital financeiro suficiente para investir na estrutura da *escolinha*, Ramalho ainda não tem o prestígio desses ex-jogadores cujo suporte é o marketing de ter revelado vários atletas para grandes clubes no Brasil e na Europa.

A *escolinha de futebol* comandada por Ramalho tem uma baixa variação no fluxo de aprendizes. A entrada e saída acontecem geralmente no início do ano. Em alguns casos, ocorre de alguns integrantes ficarem um tempo sem frequentar e depois retornarem. Quando saem em definitivo, dificilmente deslocam-se para outras *escolinhas* da cidade. Isso acontece porque desistem da busca da profissionalização da atividade de jogador de futebol.

Se levarmos em consideração o contexto da cidade de Marília e principalmente os arredores do bairro, a *escolinha* é um sucesso e muito bem vista pelos seus frequentadores. Não há grandes concorrência entre as *escolinhas* levando-as a disputar entre elas os aprendizes. Geralmente, cada bairro tem a sua *escolinha*. Apesar do espaço físico utilizado pertencer à prefeitura, não havia investimento por parte dela. Esse sucesso pode ser atribuído primeiramente à habilidade de Ramalho em trabalhar o marketing da *escolinha* cujo carro chefe é sua eficiência em disciplinar os jogadores, lidando com a relação de autoridade entre pais e filhos.

O local onde se realizam os treinos é um grande espaço onde funciona uma espécie de centro poliesportivo. Possui um vestiário, um galpão onde são realizadas festas. Há dois banheiros. Um deles tem uma placa indicando feminino, está inacabado e demonstra ser um espaço pouco convidativo para mulheres. Ao lado dos banheiros, há uma pequena residência destinada a uma pessoa responsável por cuidar do campo quando não há nenhuma atividade. Logo na entrada, um campo menor, no estilo “society” que é uma modalidade de futebol

disputada com no máximo 7 jogadores em um campo com dimensões menores. Esse campo foi arquitetado por Ramalho que, posteriormente, construiu mais um em outra parte. Esse estava destinado ao aluguel para quem quisesse realizar jogos aos finais de semana.

Do alto da arquibancada é possível avistar duas quadras com cestas para a prática de basquete e traves para a prática de futebol de salão. No entanto, essas quadras têm um aspecto de abandonadas e raramente são utilizadas. O campo de futebol ocupa o maior espaço e, apesar do constante cuidado de Ramalho, tem um gramado de pouca qualidade com muitos buracos que levam à reclamação de alguns pais quanto ao risco das crianças e adolescentes se machucarem no decorrer dos treinos.

Conforme me foi relatado por uma das mães, em entrevista, foi o “*treinador Ramalho quem arrumou o campo porque antes era tudo mato e não havia grama plantada*”. Essa fala remete às constantes reclamações do treinador acerca da falta de apoio da prefeitura ao seu trabalho, principalmente das dificuldades financeiras. Quando possível Ramalho realizava torneios entre os integrantes da escolinha ou *jogos amistosos* com outras *escolinhas*. Nesses dias solicitava o auxílio de R\$1,00 de cada aprendiz para ser aplicado na manutenção do gramado.

Realizei a pesquisa de campo na *escolinha* entre março de 2007 e maio de 2008. Nesse período, acompanhei os treinamentos às terças e quintas-feiras principalmente no período da tarde, como também alguns jogos aos finais de semana. Realizei apenas uma entrevista formal com Dona Maria e durante o decorrer do trabalho participei das conversas informais entre os frequentadores da *escolinha*. Havia uma entrevista agendada com o treinador Ramalho que não pode ser realizada devido a problemas de saúde sofridos pelo mesmo. Concentrei minhas observações nos treinamentos e nas conversas entre os familiares dos alunos tendo pouco acesso às conversas entre os próprios aprendizes.

Minha posição sempre foi pouco definida entre os frequentadores da *escolinha*, pois não me encaixava em nenhuma das categorias de classificação disponíveis, ou seja, não era um aprendiz, nem parente de aprendiz, técnico ou auxiliar de técnico. Dessa forma, ao mesmo tempo em que transitava entre esses diferentes grupos e participava das conversas entre eles, era constante sentir-me “fora de lugar” e estar sempre à procura de uma companhia com a qual pudesse filiar-me. Essa busca por situar-se é descrita por Geertz como *um negócio enervante que só é bem-sucedido parcialmente* (GEERTZ, 1989, p.10) e seria exatamente dessa forma que me sentiria ao longo da pesquisa sempre em busca de construir um espaço que me abrigasse no

interior daquele grupo, mesmo sabendo que não conseguiria atingir isso por completo, pois, como Geertz ainda sinaliza, a experiência etnográfica consiste em *tentar formular a base na qual se imagina sempre excessivamente, estar-se situado (Ibid.)*.

Logo nos primeiros treinos que frequentei essa minha falta de classificação rendeu-me um anonimato e um afastamento dos outros frequentadores. Essa “distância” permitiu-me os primeiros passos para perceber que os treinos da *escolinha* tratavam-se de reuniões de um grupo de pessoas que se encontrava não apenas para levar seus filhos para a *escolinha de futebol* e alimentar o sonho de uma carreira promissora nesse esporte. Mas também, os treinos existiam em um espaço de intensa sociabilidade, lazer e troca de experiências.

Comecei a me dar conta disso quando cheguei ao treino e sentei-me afastado do grupo. No desenrolar das jogadas uma criança machucou-se e uma das senhoras que estava assistindo ao treino correu para socorrê-lo. O menino não era seu filho, mas ela o tratou como se fosse, massageando o seu braço com uma pomada e acalmando o seu choro. A atitude daquela mulher chamou a minha atenção e logo após esse acontecimento ela sentou-se ao meu lado e começou a puxar conversa. Foi um momento importante para mim quando pude sentir-me mais acolhido. Ela me perguntou se eu tinha ido lá para jogar. Respondi que não e expliquei que estava ali para fazer uma pesquisa de conclusão de curso e estudava na UNESP. Ela insistiu em indagar sobre os motivos da minha presença, que tipo de pesquisa eu estava fazendo. Disse a ela que queria saber sobre o pessoal que joga futebol no bairro e com isso contar um pouco da história das pessoas que moram lá. Ela achou minha proposta interessante. E falou que assim ficava mais tranquila porque todos ali se conheciam e era importante saber quem eu era.

Dona Maria, a partir desse dia, tornou-se minha principal parceira nessa pesquisa. Ela ocupava um papel central na *escolinha* sendo uma espécie de “braço direito” do treinador Ramalho nas questões relacionadas à organização fora do campo. Dona Maria tinha acesso a todas as informações da *escolinha*. Em entrevista, relatou que tinha a confiança do “professor Ramalho”, tanto que numa das viagens da *escolinha*, quando ele não poderia ir, confiou a ela a responsabilidade pelo grupo de crianças e adolescentes. Dessa forma, Ramalho sempre a colocava numa posição de autoridade. Dona Maria assumia o lugar de “mãe” de todos os aprendizes. Ela tomava para si o cuidado daqueles cujos pais não podiam estar presentes nos treinos. O motivo da sua presença na *escolinha* é o filho Juan e sempre buscava tornar o ambiente o mais agradável possível para o bem estar do seu filho. Dona Maria ocupa um papel importante

levando-se em conta que ali é uma escola para crianças e adolescentes. A sua presença serve para tranquilizar os pais impossibilitados de frequentar a escolinha.

A reportagem *Vida de gado* publicada pela revista Carta Capital em Novembro de 2008 traz relatos de ex-alunos de *escolinhas* sobre a existência de abusos sexuais com crianças e adolescentes que ficam em Centros de Treinamentos. Traz o caso de um adolescente, vítima de abusos sexuais no Corinthians Sport Club que, após a intervenção do Ministério Público, levou o clube a separar os atletas por faixa etária impedindo, assim, que os mais velhos ficassem entre os mais novos. No entanto, esse problema não deixa de ocorrer em clubes pequenos onde não há fiscalização e as crianças e adolescentes ficam em condições precárias de higiene e alimentação sem contar que estão distantes da família. Por isso, o papel de Dona Maria como uma mulher com a possibilidade de circular por todos os espaços da *escolinha* tornava o ambiente seguro tanto para os aprendizes quanto para os pais e mães que não podiam frequentar sistematicamente os treinos.

Desde que fui recebido por Dona Maria, minha atuação na *escolinha* começou a ganhar mais sentido e sempre que chegava meu primeiro movimento era procurá-la sendo muito frustrante cada vez que não a encontrava. Sua importância foi maior do que eu imaginava, pois, nas últimas vezes que fui ao treino, ela relatou-me que o treinador Ramalho no seu jeito bastante desconfiado sempre questionava sobre a minha presença nos treinos e ficava mais tranquilo quando me via conversando com ela.

Na arquibancada: lazer e sociabilidade

O universo da *escolinha* começou a se abrir para mim com o auxílio de Dona Maria. Comecei a perceber que para compreender a *escolinha* não poderia dirigir minhas observações somente para o campo e os treinamentos, mas precisava compreender as interações que ocorriam entre aqueles frequentadores assíduos tanto quanto entre os aprendizes e o treinador. Aquela *escolinha de futebol* fazia parte de um processo de transformação do futebol no Brasil que consistia em uma produção de jogadores em massa para o mercado. Mas, naqueles treinos, aquele grupo de pessoas imprimia significados diversos para aquele evento, transformando-o em reuniões para trocar experiências em diversos âmbitos da vida familiar e do trabalho. A Lei Pelé

colocou o futebol em um processo de mercadorização, mas as pessoas da *escolinha* não aceitavam passivamente esse processo e ressignificavam constantemente a prática do futebol.

O número de familiares dos aprendizes – pais, mães, avós ou irmãos – variava de 5 a 12 pessoas aproximadamente em cada treino sendo a maioria mulheres. Tanto homens quanto mulheres eram trabalhadores de empresas cujos turnos permitiam estarem no campo naquele horário, pois já tinham trabalhado pela manhã ou iriam trabalhar à noite. Havia também aposentados e, no caso das mulheres, tinham aquelas que trabalhavam em casa no cuidado com a família.

Todas as vezes que chegava para os treinos observava uma divisão entre homens e mulheres, sendo que, cada grupo ocupava lados opostos na arquibancada. Essa divisão sempre foi fruto de alguma relutância para mim porque considerava mais acertado sentar-me entre os homens. No entanto, minha ligação com Dona Maria levava-me a procurá-la assim que chegava. Todavia, a minha indefinição e a pouca receptividade por parte dos homens, permitiu-me circular entre os dois grupos, sendo minha prioridade o das mulheres. Algumas vezes essa divisão não se dava de forma muito clara sentando-se todos juntos, mas priorizando-se as conversas de homens entre homens e mulheres entre mulheres.

O grupo das mulheres era mais participativo que o dos homens. Elas procuravam estar mais ligadas nas ações dos aprendizes e faziam o papel de torcida incentivando cada esforço das crianças e adolescentes. Em determinados momentos do treino quando Ramalho estava dando alguma instrução ou, por exemplo, treinando chutes a gol, elas deixavam de prestar atenção no campo e começavam a tratar de outros assuntos, principalmente questões ligadas à organização do ambiente doméstico. Apesar de a maioria delas trabalhar fora de casa, suas preocupações centrais eram assuntos ligados ao cuidado com a família. Não poupavam esforços em incentivar os aprendizes e mesmo em situações em que havia a presença de um casal, era notável a falta de cuidado dos homens. Eles eximiam-se da tarefa de cuidado com os filhos.

As conversas entre os homens estavam ligadas, principalmente a trabalho e futebol. Quando não estavam discutindo o desempenho das crianças e dos adolescentes dentro de campo, demoravam-se em avaliações sobre as competições entre equipes profissionais. Os homens colocavam-se geralmente na posição de avaliadores procurando dar instruções aos seus filhos sobre posicionamento ou a melhor forma de decidir as jogadas. Mesmo nos momentos em que apareciam como torcedores eram mais contidos do que as mulheres. Minha relação com o grupo

dos homens foi de pouca proximidade considerando que eles colocavam-se sempre na posição de conhecedores. Entre as mulheres, havia uma maior reciprocidade na relação e elas estavam mais interessadas em conversar sobre os acontecimentos da *escolinha*.

O treinamento e sua rotina

Durante o período em que acompanhei os treinamentos, Ramalho foi aprimorando o seu modo de trabalhar. No início reunia os aprendizes e dividia-os em duas equipes, não fazendo diferenciação em relação à idade. Esse modo de organizar o treino gerava muitas reclamações dos pais, principalmente dos menores porque eles participavam pouco das atividades devido à desvantagem em relação à força física. Diante das constantes reclamações, o treinador começou a diferenciá-los de acordo com o tamanho melhorando tanto a sua atuação aproximando-se mais das crianças e dos adolescentes quanto na aprovação dos pais. Outra mudança introduzida por Ramalho foi o trabalho de aquecimento, coordenação e fundamentos.

A modalidade de treinamento empreendida consistia primeiramente em dividir o grupo entre os “maiores” e os “menores”. A divisão não atendia necessariamente às diferenciações correntes no futebol como, por exemplo, *infantil, mirim e juvenil*. A escolha dava-se pelo porte físico e pelo desempenho dentro de campo. Os que ficavam no grupo dos “menores” e tinham melhor desenvoltura eventualmente permaneciam para integrar o treinamento entre os “maiores”. Essa forma de procedimento permite a eles adquirirem experiência, considerando a precocidade exigida no futebol. Ou seja, quanto melhor for o desempenho deles entre os maiores significaria uma possibilidade de destaque entre os da sua categoria.

A seguir descrevo a rotina de treinamento presente em meu relatório de campo do dia 18 de dezembro de 2007 para possibilitar uma compreensão mais detalhada e concreta.

Primeiramente, Ramalho passou um exercício de aquecimento e as crianças e os adolescentes ficaram correndo ao redor do campo por aproximadamente 15 minutos. Enquanto as crianças e adolescentes corriam, proferia palavras de ordem incitando-os a se empenharem. Além disso, utilizava exemplos dos jogos descrevendo *lances* em que enfatizava a falta de dedicação nos treinos. Com isso, mostrava que tal comportamento redundara em desatenção na hora do jogo causando a derrota do time.

Depois passou exercícios chamados no futebol de coordenação. Eles consistem em alinhar os jogadores em filas e, enquanto eles correm, são instruídos a fazerem movimentos de forma sincrônica e marcando uma contagem. Esses exercícios servem para desenvolver a atenção dos jogadores, como também sua flexibilidade e a capacidade de fazer movimentos coordenados.

Quando Ramalho vai ordenar os movimentos, primeiro faz algumas vezes para mostrar a forma correta. Descreverei alguns deles.

- 1) Correndo e elevando o joelho alternadamente batendo os joelhos na palma da mão na altura da cintura;
- 2) Correndo com as mãos para trás batendo os calcanhares na palma da mão;
- 3) Correndo de lado com as mãos na cintura mudando de lado alternadamente;
- 4) Levantando uma das pernas e girando-a para fora e posteriormente para dentro.

Depois de uma longa sequência de trabalhos de coordenação, Ramalho separou os ‘menores’ dos ‘maiores’ e os primeiros ficaram treinando chutes a gol.

Com os adolescentes ‘maiores’, Ramalho iniciou um trabalho de fundamentos. Esse tipo de exercício realizado com bola tem o intuito de desenvolver as habilidades básicas para o toque, chute, domínio e cabeceio da bola, como o próprio nome sugere é a primeira aprendizagem dos movimentos fundamentais para se jogar futebol. Esses são os principais atributos analisados quando se quer avaliar se determinado jogador tem ou não capacidade para atuar nesse esporte. Descreverei alguns deles.

1) Os adolescentes ficam alinhados dois a dois, cada dupla com uma bola. Enquanto um toca bola rasteira o outro tem que ir correndo para trás e dominar a bola, deixando-a parada no lugar para que o primeiro corra e toque a bola novamente até o final do campo;

2) Ainda dois a dois a bola é rolada por baixo das pernas de um dos adolescentes e ele deve buscá-la o mais rápido possível. Segundo Ramalho, esse tipo de trabalho serve para desenvolver a capacidade de recuperação dos jogadores, pois quando ele tomar um drible, estará preparado para recuperar a bola antes que o adversário complete o drible;

3) A bola é lançada ao alto e o jogador deve bater com apenas um toque devolvendo a bola nas mãos do lançador;

4) A bola é lançada ao alto e o parceiro deve cabeceá-la e, em seguida, girar, dando um passo para trás com o intuito de cabeceá-la novamente;

5) A bola é lançada na altura do peito o jogador deve dominar e devolver de forma mais precisa possível nas mãos do lançador com o lado de dentro do pé;

6) Em seguida três a três um dos adolescentes fica no meio e a bola é lançada ao alto. O terceiro deve cabecear a bola girando por trás daquele que fica no meio.

Logo após essa sequência de exercícios, Ramalho forma dois times pra realizar os “coletivos”. Esse é o ponto alto do treinamento para os parentes que estão na arquibancada. O treinador procura atuar *lance a lance* parando as jogadas e mostrando aos aprendizes “como se faz”.

O treinamento através das atividades de coordenação e fundamentos possibilita aos aprendizes construírem através da repetição uma seleção de movimentos. Essa capacidade de seleção é encarnada nos corpos dos aprendizes construindo uma percepção de si. Conforme nos ensina Mauss (1974), as técnicas corporais são produzidas na interação e os planos fisiológico, psicológico e cultural estão *indissoluvelmente misturados*. Durante o trabalho de fundamentos e coordenação, os alunos aprendem a capacidade de “*ter pegada*”. Essa categoria do mundo futebolístico consiste numa capacidade de seleção dos movimentos, na medida em que, saibam utilizar os seus corpos de modo não tão intenso nem muito lento. Aprendem a desenvolver o “*tempo de bola*”. Essa categoria é fundamental na formação dos jogadores que consiste em um profundo conhecimento do corpo para executar os movimentos de forma regulada. A força não se funda somente na capacidade de realizar os movimentos, mas no desenvolvimento mais eficaz dessas realizações.

Mauss (1974) ao falar sobre a “*educação para o sangue frio*”, demonstra que as técnicas corporais têm como fundamento construir o corpo para o seu emprego em diferentes ocasiões. Cada parada, toque, giro e observação permitem aos aprendizes construírem uma lógica transmitida numa sequência de movimentos. Isso significa a impossibilidade de separar as atividades corporais de uma reflexão. A realização de atividades corporais, como o treinamento de coordenação e fundamentos, necessariamente está ligada a uma reflexão sobre o próprio corpo.

Esse menino é 92 (nove dois), aquele rapaz é 89 (oito nove⁴)

Uma questão corrente nas conversas entre os frequentadores da *escolinha* diz respeito ao prazo e à necessidade de se profissionalizar ou estar encaminhado em uma grande equipe o mais rápido possível. A possibilidade de sucesso na carreira pode ser resumida principalmente em três aspectos indissolavelmente ligados: idade, força física e experiência, sendo estes os critérios utilizados quando um técnico avalia o potencial de um futuro jogador de futebol.

Vigor físico e idade estão atrelados da seguinte forma. Aqueles que procuram jovens promessas observam qual a força física (altura, peso, velocidade) em relação à idade. Quanto mais jovem for o jogador e tiver um desempenho físico que pareça desproporcional à sua idade, maiores são as suas chances de sucesso.

O investimento na força física em detrimento das habilidades com a bola tem acarretado calorosas discussões entre os comentaristas e amantes do futebol. Apesar de um certo saudosismo daqueles cuja opinião é a de que antigamente o futebol era bonito, a diferença em relação à força física é visível se compararmos os jogadores de décadas atrás com os de hoje. Em certa medida, há a idéia de uma “seleção natural”: o atleta que não desenvolver sua força física está condenado ao fracasso no futebol.

A idade tem importância fundamental, quanto mais cedo o jogador demonstrar experiência e habilidade para estar em campo, tanto melhor. No futebol valoriza-se em demasia uma certa precocidade. Podemos enxergar isso como um processo que está produzindo consequências devastadoras e está em consonância com um mercado reiteradamente competitivo. São constantes notícias veiculadas de transferências de jogadores progressivamente mais jovens. O investimento das equipes, em sua maioria estrangeira, ocorre com vistas a um ganho futuro. Podemos comparar com o investimento de uma empresa que compra as safras de um agricultor para os próximos anos prevendo a sua produtividade e comprometendo-o a prestar seus serviços mesmo contra sua vontade.

Esse é um dos motivos da entrada de crianças e adolescentes cada vez mais cedo nas *escolinhas*. O tempo no futebol é muito curto e caso o jogador não esteja encaminhado até uma

⁴ Quando se refere à idade das crianças e dos adolescentes o treinador pronuncia os dois números que referem-se ao ano de nascimento do referido jogador. Por exemplo esse menino é nove dois significa que ele nasceu no ano de 1992.

certa idade é melhor desistir da carreira. O ano de nascimento serve como indicador do valor a ser estipulado e da possibilidade ou não de investimento em determinado jogador.

Considerações finais

É possível afirmar que, na seleção de jogadores para a profissionalização, existe uma espécie de seleção pelo pertencimento a determinada variabilidade biológica dos iniciantes. Quanto mais o jogador se aproxima de um “modelo europeu” relacionado à altura e força física, mais ele é valorizado pelos clubes. Um exemplo disso é a notícia da Folha de São Paulo de 20 de Novembro de 2007 que traz o caso do jogador Breno do São Paulo Futebol Clube cuja negociação estaria condicionada a um teste ósseo para confirmar a sua idade. O clube espanhol do Real Madrid desconfiava que seu porte físico era condizente com sua idade. A preocupação do clube também está em consonância com as constantes adulterações de idade realizadas por alguns agenciadores no intuito de tornar seus jogadores mais valorizados.

A edição da revista Carta Capital de 12 de Novembro de 2008 traz uma reportagem sobre a condição de crianças e adolescentes que, tratados como commodities, são agenciados e levados para Centros de Treinamento longe de suas famílias e submetidos a condições precárias de higiene e alimentação. Afora tudo isso, afastam-se dos estudos ou correm riscos de abusos sexuais. A matéria traz o exemplo de um grupo holandês que investiu cerca de 4 milhões na criação de um Centro de Treinamento para recrutar crianças e adolescentes de vários estados. Eles ficam confinados numa cidade do interior do Estado do Paraná e recebem uma bolsa de 80 reais, mais alimentação e chuteiras.

A reportagem descreve como essas crianças e adolescentes são confinados nesses locais como se fossem “animais para a engorda” esperando boas ofertas para serem “vendidos”. Os grupos que investem nesse tipo de mercado conseguem, amparados na lei, lucrar com as “vendas” futuras desses jogadores, tendo como preferência as equipes estrangeiras onde os valores das transações são maiores.

A reportagem traz um dos aspectos do processo de mercadorização do futebol. O agenciamento de crianças e adolescentes para fins especulativos e movidos por uma possibilidade ilusória de ascensão econômica. No entanto, em meu estudo sobre a *escolinha* pudemos perceber como o ambiente de uma *escolinha* pode trazer outros aprendizados não valorizados devido ao

privilégio a um sentido único empregado ao futebol. A particularidade da *escolinha* é situar-se num bairro e possibilitar a frequência dos familiares. Esse aspecto permite ampliar o seu sentido e ela pode ser vivida como um local onde o estabelecimento de vínculos entre vizinhos cria um ambiente de solidariedade.

A atitude de Ramlho em relação ao pai que tumultuava o treinamento é um exemplo do autocontrole e respeito ao bem estar coletivo. Ao portar-se como um exímio homem público demonstrou não haver um declínio do mesmo. A partir do futebol, foi possível construir valores de dignidade e honradez que são inscritos nos corpos dos aprendizes.

Da mesma forma que Wacquant (2002) demonstra, em seu estudo sobre o boxe, que na academia há um espaço de formação moral e corporal do autocontrole e da construção de uma noção do valor dentro do grupo, a *escolinha de futebol* permite aos seus aprendizes um espaço de autonomia. Ele é gerado a partir da capacidade de construção de seus limites. Essa autonomia não está em consonância com os valores em voga numa modalidade de juventude que acredita na autonomia como uma ausência de limites. Na *escolinha*, a confiança e a disciplina não são as finalidades do aprendizado, mas um elemento de mediação para construir essa autonomia.

Este não é um trabalho sobre o futebol, mas a partir do futebol. Procurei investigar o tema da formação, do aprendizado, mais especificamente: Como o futebol, enquanto técnica corporal ao longo da sua constituição no Brasil, permitiu a grupos segregados – negros e pobres – desenvolver mecanismos de transformação ou de emancipação? As técnicas corporais implicadas na formação de um jogador de futebol não se limitam a um aprendizado do chute, toque ou visão de jogo. O aprendizado do futebol é também uma forma de desenvolver um modo de estar no mundo que consiste em reconhecer o valor da posição dentro do grupo. A construção coletiva da confiança e da disciplina autoriza ao jogador firmar-se na sua posição, formando moral e corporalmente uma noção de dignidade e honradez. Nesses termos o futebol aproxima-se de uma forma de manifestação artística.

O espaço da *escolinha* é privilegiado para a compreensão dos aspectos elementares da formação dos jogadores de futebol, pois características como noção de reciprocidade, força, equilíbrio, solidariedade são inscritas nos corpos dos aprendizes mediante um aprendizado cotidiano aliados à busca por um aprimoramento enquanto jogadores de futebol. Essas técnicas corporais estendem-se para outros momentos de suas vidas, mesmo quando eles não se dão conta disso.

Assim, estudar a formação de jogadores de futebol permitiu perceber que, se por um lado, precisamos desconectar a ligação entre futebol e identidade nacional, por outro lado, precisamos ver o futebol como exemplo de construção de dignidade de negros e pobres que podem a partir dessa prática, ou, em outras palavras, das técnicas corporais presentes no interior dela, desenvolver estratégias de ressignificação do sentido único imposto pela sociedade de mercado.

A abertura do país para as “leis do mercado”, no início da década de 1990, desencadeada pelo governo Collor (1990-1992) e posta a termo posteriormente pelos governos FHC (1994-2002) e Lula permitem perceber como gerou no futebol dois movimentos distintos.

O primeiro fez aparecer uma ênfase num sentido único da prática futebolística desconectando-a da idéia de uma identidade nacional. O futebol foi transformado em produto a ser exportado obedecendo às leis do mercado. O “desmonte da nação” (SINGER,1999) significou o “desmonte do futebol” enquanto expressão da originalidade brasileira.

No entanto, o segundo aparece como decorrência do primeiro, pois é uma forma de resistir-lhe. Assim, na medida em que o futebol restringia-se a um mero produto no mercado, os grupos, não beneficiados por esse processo, reagem. Eles procuraram mediante o próprio potencial do futebol, *em sua política por outros meios* como descreve Lopes (1994), ao examinar o pensamento de Mario Filho no início dos anos da década de 1930, reconhecerem o seu valor e criar mecanismos viabilizadores de outras formas de vivenciar essa prática. O caso da *escolinha* é exemplar para isso conforme demonstramos na forma particular de sociabilidade criada por seus frequentadores e no papel mediador da disciplina como construtora de uma autonomia.

Referências

FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1964.

FOOTE-WHYTE, Willian. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC. 1989.

GUEDES, Simoni L. *O Brasil no campo de futebol*. Estudos antropológicos sobre o significado do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF. 1998.

LEITE LOPES, José Sérgio. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista da USP – Dossiê Futebol*, , n. 22, (p. 64-83). São Paulo: EdUSP, 1994.

MAUSS, Marcel. *Noção de técnica corporal*. In. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU. 1974.

PRONI, Marcelo W. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp. Instituto de Economia. 2000.

SINGER, Paul. *A raiz do desastre social: a política econômica de FHC*. In. LESBAUPIN, Ivo (Org.). O desmonte da nação: Balanço do governo FHC: Petrópolis: Vozes, 1999.

WACQUANT, Loic. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.

Recebido em 13/04/2009

Reformulado em 30/04/2009